

EDITORIAL

Raízes para compor é o nome deste ensaio visual, que apresenta alguns resultados de proposições do grupo de estudos *Raízes Poéticas*¹, realizadas durante seus encontros, com a intenção de averiguar o que acontece durante o processo de criação que ordena o interior do artista e direciona a externalização em forma de artes visuais. A partir da teoria apresentada pelo filósofo Emanuele Coccia em seu livro *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*, o projeto se apropria do termo “raízes” em uma relação com os processos de criação, uma vez que essas partes das plantas se desenvolvem tanto pelo mundo subterrâneo e misterioso, de onde partem movimentos ativos e reativos singulares, quanto pelo mundo aéreo, onde em formas poéticas se apresentam aos olhares e reflexões dos seres humanos.

Ruderais são plantas que crescem espontaneamente, são resistentes e sobrevivem em terrenos degradados. Angelica Neumaier coleta plantas ruderais em caminhadas por seu bairro, e com elas cria monotípias sobre papéis artesanais, utilizando cores contrastantes.

Anna Moraes expõe *Concerto Raízes Aéreas 2024*, série composta por quatro peças: *Concerto Cipó-chumbo*, *Concerto Figueira-Estranguladora*, *Concerto Pneumatóforo* e *Concerto Manguezal*. Cada um delas aborda visualmente as características das raízes dessas plantas, como as formas sinuosas do cipó-chumbo, a imponência da figueira-estraguladora e as raízes respiratórias do mangue. O trabalho propõe uma relação entre desenho e notação musical, e investiga diferentes abordagens de composição e escrita em artes visuais.

Os bordados de Gabriela Buffon são desdobramentos da proposição “Desenhar Raízes” com diferentes materiais, inclusive a linha de bordado. O trabalho exhibe a frente e o verso do bordado, organizado também enquanto desenho.

Gustavo Reginato foi presenteado por Anna Moraes com uma linha com corpo escultórico, sustentando-se por si só com seu interior de arame. Desejando que a costura e a estrutura de uma encadernação fossem visíveis por dentro e por fora, costurou em acrílico páginas transparentes de um livro escultórico, trazendo o dentro, o fora, o além e o reflexo visíveis ao mesmo tempo.

A partir da observação da planta que cultiva, chamada “corações emaranhados”, trepadeira de origem africana assim nomeada pelo formato de suas folhas, Khettlen Costa busca conectar-se aos afetos de suas avós e bisavós afrodescendentes que não pode conhecer. A raiz bulbosa, responsável por armazenar água, lhe ensina que é preciso ancorar-se nos laços de afetos de suas ancestrais em tempos de escassez.

Laura Malmegrin puxa da terra um dos trevos que brotaram em seu vaso de sálvia, mas ao tentar arrancá-lo descobre uma rede: a raiz sai e continua a sair, e sair, e sair, e todos os trevos do vaso saem juntos. Dezenas de indivíduos-plantas faziam alianças subterrâneas, suas raízes entrelaçadas em um pacto secreto. Com caneta e tinta, ela desenha e expande esse coletivo no papel pardo.

Em uma caminhada realizada há 6 anos, Luana Dorna encontrou pela primeira vez uma determinada raiz. Na sequência desses anos, foi se enraizando nesse mesmo percurso e tornando a raiz um laço familiar. Com o passar do tempo, a mesma desapareceu daquele espaço, assim como para ela. Com isso, passou a trabalhar o sentimento de ausência e luto, dando forma a pequenos fragmentos de raízes, desenhando e bordando de modos diversos na tentativa de não esquecer. Acabou por bordar com seus próprios cabelos para esquecer as violências que aquela raiz sofreu, que impregnam o seu corpo, e assim, pretende que desapareçam como aquela raiz.

Luanda de Oliveira apresenta o livreto *Caminhar Voar*, com desenhos e anotações feitos pela artista como registros de uma caminhada por quarteirões de seu bairro. Unindo a experiência do entorno a ideias apresentadas no livro *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*, de Emanuele Coccia, a artista traça relações entre terra e ar, raízes e flores, pés e asas, caminhar e voar.

O trabalho de Luiza Reginatto apresenta uma coleção de raízes secas encontradas em caminhadas por sua cidade, que foram submersas em cera de abelha. Esse gesto é uma tentativa de tentar preservar a memória dessas plantas, evidenciando as formas de suas raízes, encapsuladas no envoltório de cera.

M. Carvange apresenta um compilado de quatro desenhos que buscam pensar as relações conflituosas com raízes familiares e de criação religiosa que geram sentimentos de sufoco, vergonha e pressão sobre o existir de forma dissidente à norma.

